

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 10/06/2018.

DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI

ECOS DA ÁFRICA OCIDENTAL:
o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as
mulheres africanas do século XIX

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” Assis, para a obtenção do título de Mestre em História (Área de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Fabiana Lopes da Cunha

Assis

2016

A996e Azorli, Diego Fernando Rodrigues, 1985–
Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz
sobre as mulheres africanas do século XIX / Diego Fernando
Rodrigues Azorli. – Assis, 2016.
165 f. – ils., mapa.

Orientadora: Fabiana Lopes da Cunha

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2016.

1. Mulheres – África Ocidental – História, séc. XIX. 2. Mitologia –
África Ocidental, séc. XIX. 3. Religião – Candomblé – Mulheres, séc.
XIX. 4. Mitologia – Candomblé – Orixás. I. Título. II. Universidade
Estadual Paulista. III. Faculdade de Ciências e Letras.

CDD 299.673082

Elaborado por Marcos A. Rodrigues do Prado CRB-8, inscrição: 7.234

Bibliotecário da UNESP, Câmpus Experimental de Ourinhos


DIEGO FERNANDO RODRIGUES AZORLI

ECOS DA ÁFRICA OCIDENTAL: o que a mitologia dos orixás
nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP para a obtenção
do título de Mestre em História (Área de
Conhecimento: História e Sociedade)

Data da Aprovação: 10/06/2016

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: PROFA. DRA. FABIANA LOPES DA CUNHA - UNESP/Assis



Membros: PROFA. DRA. LÚCIA HELENA OLIVEIRA SILVA - UNESP/Assis



PROFA. DRA. SELMA ALVES PANTOJA - UNB/Brasília

Agradecimentos

Aos meus pais que me deram a vida, amor e que acreditam em mim e no meu trabalho.

A minha orientadora Fabiana, que me recebeu em sua sala com uma ideia maluca na cabeça em 2011 e de lá pra cá tem me respaldado nas minhas crises, lutas, ansiedades e agora divide essa conquista comigo. Agradeço pelas conversas, músicas, conselhos, bibliografia indicadas e emprestadas, confiança e carinho. Agradeço por sempre me colocar diante de inquietantes questionamentos e por olhar meu tema sempre por novos ângulos.

As professoras Selma e Lúcia que aceitaram tão carinhosamente o meu convite e por sua atenção o tempo todo. Aos professores Milton e Fabiana que eu queria ter comigo nesse dia, mas o protocolo me impede.

Ao Sidney de Logun-edé por ter aberto sua casa para mim, pelo seu carinho de sempre com as minhas insistentes e intermináveis perguntas. A Mazé, Rodrigo, Patrícia, Flávia, Ronaldo e outros filhos da casa por partilhar comigo os conhecimentos adquiridos em suas experiências de vida.

Aos amigos de perto e de longe. Celso por ter acompanhado esse trabalho bem de pertinho e ser um amigo de todas as horas, ajudando-me com bibliografias, cafés, conversas e uma grande parceria. Johnny por ser um grande companheiro de tudo e estar sempre presente, mesmo longe, nossas conversas diárias me ajudaram a organizar ideias e a diminuir a ansiedade diante de tanta coisa pra pensar. Aos outros queridos amigos: Gabriela, Inêz, Edson, Yume, Thamiris, Rodolfo, Marcella, Andréia, Andreia (pois tenho sorte de ter duas amigas muito queridas e com o mesmo nome), Valentina e Elisa pelos papos, carinho, cafés, bolos e por me suportarem falar pela milésima vez sobre o meu trabalho.

Aos bibliotecários, Laryssa, Marcos e Rafael pela paciência com nossos pedidos de livros e nossa chatice diária. A equipe da escola onde trabalho que sempre são tão delicados e adoráveis comigo.

Aos amigos do mestrado, Roger, Everton, Carla, Diogo e Rafaela que dividem comigo as angústias dos trabalhos sem fim.

A CAPES pela bolsa, sem ela teria sido muito difícil trilhar esse caminho.

Sem a atenção e carinho de vocês eu não estaria realizando mais esse sonho.

Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa, devoradora, consumindo as energias viris, mulher das febres e das paixões românticas, que a psicanálise, guardiã da paz das famílias, colocará na categoria das neuróticas; filhas do diabo, mulher louca, histérica herdeira das feiticeiras de outrora. A ruiva heroína dos romances de folhetim, essa mulher cujo calor do sangue ilumina pele e cabelos, e através da qual chega a desgraça, é a encarnação popular da mulher ígnea que deixa apenas cinzas e fumaça. Outra imagem, contrária: a mulher-água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta, rio sombreado e pacífico para o banhar-se, onda eslanguescida cúmplice dos almoços na relva, mas ainda água parada, lisa como um espelho oferecido, estagnante como um belo lago submisso; mulher doce, passiva, amorosa, quieta, instintiva e paciente, misteriosa, um pouco traiçoeira, sonho dos pintores impressionistas... Mulher-terra, enfim, nutriz e fecunda, planície estendida que se deixa moldar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e se enraízam os grandes caçadores nômades e predadores; mulher estabilizadora, civilizadora, apoio dos poderes fundadores, pedestal da moral; mulher matriz, que sua excepcional longevidade transforma em coveira, mulher da agonias da morte, dos ritos mortuários, guardiã das tumbas e dos grandes cemitérios sob a lua, mulher negra do dia dos mortos...¹

¹ PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. 1988, p. 188.

AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. **Ecos da África Ocidental: o que a mitologia dos orixás nos diz sobre as mulheres africanas do século XIX.** 2016. 165 f. Dissertação de mestrado (mestrado acadêmico em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2016.

Resumo

Procuramos pensar, nesse trabalho, uma história das mulheres da África Ocidental do século XIX a partir da mitologia dos orixás. Esses deuses africanos têm seus relatos mitológicos repletos de indicações do cotidiano dessas mulheres iorubás que foram também retratadas pelos viajantes que passaram pela África nesse período, embora com objetivos distintos do nosso. O dia-a-dia, no desempenho de suas funções sociais de mãe e esposa, também foram encontrados nas receitas recolhidas por Pierre Verger. Complementamos nossa análise com os *Odus de Ifá* - relatos sobre um tempo primordial, onde se aconselha o modo de viver e proceder para que se possa desenvolver uma vida de acordo com a vontade dos deuses – onde as mulheres são interpretadas pela ótica masculina, uma vez que apenas os homens detinham o segredo desse oráculo. As africanas, da região estudada por nós, foram descritas e reinterpretadas pelos homens e mulheres que delas se recordaram após a Diáspora Africana pelo Novo Mundo, rememorando-as mascaradas nas mitologias das orixás: Euá, Nanã, Obá, Iansã e Oxum. Dentre os temas abordados por nós estão o casamento, a vida doméstica, a maternidade, a concepção e outras nuances da vida dessas mulheres.

Palavras-chave: História. Mitologia. Mulheres. Candomblé. Orixás.

AZORLI, Diego Fernando Rodrigues. **Echoes of West Africa: what the mythology of Orishas tells us about African women of the nineteenth century.** 2016. 165 f. Master's thesis (academic master's degree in History). - Faculty of Sciences and Letters, Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Assis, 2016.

Abstract

We try to think, in this work, a story of women in West Africa of the nineteenth century from the mythology of the orishas. These African gods have their mythological stories full of everyday indications of these Yoruba women who were also portrayed by travelers who passed through Africa in that period, although with different objectives from ours. The day-to-day performance of their social duties of mother and wife, were also found in the revenue collected by Pierre Verger. We complement our analysis with Odus of Ifa - reports of a prime time, where we advise how to live and carry so that you can develop a life according to the will of the gods - where women are interpreted by male perspective, since that only they held the secret of this oracle. The african woman, of the region studied by us, have been described and reinterpreted by men and women who are recalled them after the African Diaspora in the New World, reminiscing masked in the mythologies of the Orishas: Eua, Nanã, Oba, Iansa and Oshun. Among the topics addressed by us are marriage, domestic life, motherhood, design and other nuances of the lives of these women.

Key words: History. Mythology. Women. Candomblé. Orishas.

Índice de Imagens

Imagem 01: Xangô	27
Imagem 02: Oxé	27
Imagem 03: Nanã	28
Imagem 04: Ibiri	28
Imagem 05: Iansã	29
Imagem 06: Espada e eruexim	29
Imagem 07: Ogum	31
Imagem 08: Asofá	31
Imagem 09: Oxum	32
Imagem: 10: Abebé	32
Imagem 11: Iemanjá	33
Imagem 12: Abebé	33
Imagem 13: Logum edé	34
Imagem 14: Gbojutó	34
Imagem 15: Oxumarê	35
Imagem 16: Dan	35
Imagem 17: Oxalá	36
Imagem 18: Opaxorô	36
Imagem 19: Euá	37
Imagem 20: Exu	39
Imagem 21: Ogó e tridente	39
Imagem 22: Oxóssi	40
Imagem 23: Ofá e Eruexim	40
Imagem 24: Obá	41
Imagem 25: Espada, escudo e iruquerê	41
Imagem 26: Omulu	42
Imagem 27: Xaxará e bengala	42
Imagem 28: Mapa: África divisão política	48
Imagem 29: Mapa: Espaços políticos do Saara ao Equador, no século XVII	48
Imagem 30: Initiation of an african fetich-priest	63

Imagem 31: First catholic mission in Lagos directed by the fathers of the society of african	63
Imagem 32: Fetich tree	64
Imagem 33: A human sacrifice to Ugun, the god of war	65
Imagem 34: Capa do livro Dahomey and the Dahomans de Frederick E. Forbes	65
Imagem 35: Ia Mi Oxorongá	91

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1: Primeiro contato: a religião dos orixás	16
1.1. Primeiro contato	16
1.2. Os filhos-de-santo	20
1.3. O terreiro	22
1.4. O jogo de búzios	22
1.5. Música e dança	24
1.6. Candomblé não é umbanda	25
1.7. Os orixás	25
1.7.1. Xangô	26
1.7.2. Nanã	28
1.7.3. Iansã (Oiá)	29
1.7.4. Ogum	30
1.7.5. Oxum	31
1.7.6. Iemanjá	32
1.7.7. Logum edé	33
1.7.8. Oxumarê	34
1.7.9. Oxalá (Orixanlá – Obatalá – Oxalufã)	35
1.7.10. Euá	37
1.7.11. Exu (Legba – Eleguá – Bará)	38
1.7.12. Oxóssi	39
1.7.13. Obá	40
1.7.14. Omulu (Xapanã – Sapatá – Obaluaê)	41
Capítulo 2: Mito, Mitologia e História	43
2.1. Mitologia e História	43
2.2. O umbigo do mundo	47
2.3. As sociedades na África Ocidental	52
2.4. Arranjos mitológicos: a mitologia viva	58
2.5. A memória coletiva: o que é lembrado e o que é esquecido	78
Capítulo 3: Uma história das mulheres africanas do século XIX a partir da mitologia dos orixás	90
3.1. A mulher africana na mitologia dos orixás	90
3.2. A africana como esposa	101
3.3. A africana como mãe	113
3.4. Apenas esposa e mãe?	120
Considerações Finais	123
Bibliografia	127
Anexos	136
Anexo 1 – Tabela de mitos dos orixás por obra e ano de publicação	136
Anexo 2 – Tabela de <i>Odus</i> selecionados	149
Anexo 3 – Tabela de receitas e trabalhos selecionados	156
Anexo 4 – Tabela de resumo dos mitos dos orixás selecionados	160

Introdução

A África já foi considerada um continente sem história pelos pensadores dos países europeus que a queriam dominar, extorquir e reescrever sua história. O modelo europeu de produzir história estava preso à ideia de que sem documentos escritos não era possível escrever história alguma.

Essa definição, de povos e continente sem história, figurou nos livros até o final da Segunda Guerra Mundial, quando, junto à emergência de historiadores africanos e africanistas, a ideia de produzir história precisava ser revisada.

A UNESCO e a Organização das Nações Unidas, procurando pensar esse novo contexto, reuniu uma diversificada equipe técnica, com cerca de 350 especialistas internacionais e após mais de 35 anos, escreveu uma coleção intitulada “História Geral da África”². A obra, com oito volumes e mais de oito mil páginas, trata das origens do continente africano, desde sua Pré-história até os dias atuais. A ausência de documentos escritos, uma vez que os povos africanos eram ágrafos, teve de ser “remediada” com histórias coletadas através de tradições orais dos povos locais, entrecruzadas com informações colhidas através de livros europeus (e orientais) escritos sobre os africanos.

Foi preciso deixar vir à tona que a África imaginada, inventada e contada pelos olhos dos europeus estava repleta de preconceitos resultantes do confronto entre dois modos de pensar e ver o mundo de forma muito distinta. Descrita como bárbara, incivilizada, idólatra e excêntrica, essa África “européia” serviu muito bem aos interesses do homem branco durante vários anos, principalmente no período chamado neocolonialismo: afirmando que esses povos eram um “fardo” e por isso deveriam civilizar e levar até ela a “fé verdadeira”.

Na tradição oral³, entre os africanos, existe a dinâmica daquilo que é frequentemente contado e ressignificado, pois as histórias se transformam pelos que contam e ouvem as mesmas. Mas há elementos dessas tradições que permanecem fixos. Foi a partir do cruzamento dessas “persistências” das histórias contadas pelos africanos que os pesquisadores da ONU puderam produzir essa monumental e relevante obra.

No entanto, ainda há muito que ser descoberto na continente africano e na África que foi dispersa pelo mundo, resultado de longos séculos de escravidão do seu povo. O trauma da separação do indivíduo do seu mundo cultural necessitava ser pensado numa espécie de

² Cf. BARBOSA, M. S. **A África por ela mesma**. 2012.

³ A tradição oral iorubá é composta por: Odù (signos de Ifá), Ilàna Ìsin (liturgia), Orin (cânticos), Ède (linguagem) e Òwe (provérbios) (BENISTE, J. **Òrun Àiyé**. 1997).

“reconstrução” das memórias coletivas. Cada africano, oriundo de um diferente lugar da África, precisava, num Novo Mundo, compartilhar saberes e ressignificar seu mundo deixado para trás.

A religião, o candomblé, em especial no Brasil, é uma pequena parte dessa grande história africana. Os deuses reverenciados nessa tradição de matriz africana são diversos. A forma de enxergar a fé, o mundo e a adoração das divindades é também distinta. Há grande beleza no modo como os deuses são simbolizados: reflexo dos homens, possuem os mesmos desejos, comportamentos e vivem uma vida muito semelhante. Os deuses precisam ser lembrados pelos seres humanos, festejar com eles, ensinar-lhes o caminho correto para tornar a vida terrestre repleta de significado e sentido.

Mas os orixás, os deuses do candomblé, não se contentam em apenas serem adorados no seu céu, o *Aiê*, onde estariam muito distantes da humanidade. Eles querem vir ao *Orun*, à Terra, e junto com seus devotos, dançar, interagir e relembrar o tempo em que viveram aqui, junto à espécie humana. Precisam, para isso, tomar os corpos dos devotos, nem que seja por um pequeno tempo, voltando depois, satisfeitos para seu *Aiê*.

O candomblé nada tem de simples e demoníaco, como o quis a fé cristã: é religião de aprendizado constante, de mitologia profusa e complexa, e de rituais luxuosos à seu modo, como qualquer outra religião. Os orixás vêm ao *Orun* para não serem esquecidos. Encenam suas mitologias, agradecem a música que é tocada em sua homenagem, e recebem a comida que lhes é ofertada e, retribuem em bênçãos aos fiéis.

Seu número na África seria, por volta de quatrocentos⁴, porém, no Brasil, são pouco mais de dezesseis: dez masculinos e seis femininos. Desses seis orixás femininos três ocorrem em um número muito menor que as outras três. Surgiu daí nosso primeiro questionamento. Por quê razão essas três orixás seriam menos frequentes nos terreiros? O que elas teriam de diferente das outras? Formulamos o nosso projeto de mestrado com esses questionamentos: *Ile Ase Omi Oju Aro*: para onde foram os orixás?

No entanto, após o exame de qualificação, a banca nos colocou diversas e ricas sugestões. Entre elas, fazer um recorte mais preciso do que seria estudado. Foi nesse redirecionamento que passamos a fazer novas perguntas. Seria possível reconstruir uma história das mulheres da África Ocidental do século XIX a partir da mitologia dos orixás? Afinal, na mitologia é possível encontrar persistentes fragmentos de detalhes que, se não estivessem lá, não causariam nenhum dano ao corpo do mito.

⁴ VERGER, P. *Orixás*.1981.

A análise mais detida dessa mitologia revela histórias muito humanas. Deuses que lutam pelo amor das deusas, assim como disputam os homens as mulheres; deusas que querem casar seus filhos para deixá-los numa vida de segurança, como também desejam as mães aos seus filhos humanos; deusas que sofrem com a ira de seus maridos deuses, como sofrem as mulheres humanas com seus maridos; dentre outras belas e interessantes histórias. Quando nos deparamos com situações cotidianas dos humanos nas mitologias passamos a mapear as categorias inseridas na vida feminina: o desejo de engravidar, o cotidiano da esposa, o casamento e o modo como são tratadas pelos maridos, etc.

Nesse momento, o livro de Reginaldo Prandi, *Mitologia dos Orixás*, foi de valor inestimável, pois sem ele teria sido difícil analisar tantos mitos. Esse compêndio mitológico é a maior reunião de mitos dos orixás já publicada, e que, é claro, passou por algumas adequações de estilo narrativo para que se tornasse levemente homogêneo, sem com isso, prejudicar a essência das narrativas⁵. No entanto, ainda era difícil seguir em frente apenas com a mitologia dos deuses. Mas, como nos lembra Sidney Chalhoub, na introdução de seu livro *Visões da Liberdade*, é preciso investigar os rastros dos fatos nos documentos e construí-los a partir dos interesses específicos de cada autor, além de uma imaginação controlada, característica da disciplina histórica⁶. É também o que Carlos Ginzburg chamou de “método Morelli”: “é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros [...] pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis⁷”.

Procuramos, então, viajantes que pudessem ter visitado a região da África Ocidental e descrito, em seus relatos, cenas cotidianas das mulheres, mesmo que esse não fosse o foco principal deles: nosso material foi assim ganhando corpo. Decidimos avolumar a mitologia que tínhamos em mãos com os *Odus* dos orixás. Os *Odus* são relatos de um tempo antigo onde são narrados eventos aleatórios, de situações que envolviam humanos, deuses e animais e eram consultados quando surgiam dúvidas. Neles estariam contidas todas as respostas e soluções necessárias⁸. Na África eram em número de duzentos e cinquenta e seis, no Brasil

⁵ “Os mitos que compõem esta coleção estão numerados, fornecendo-se sua fonte, frequentemente mais de uma, em notas arroladas ao final do texto. Através das notas o leitor pode acompanhar a trajetória do mito na literatura. Nas notas incluí também indicações de variantes, informações etnográficas e outros comentários que me pareceram oportunos” (PRANDI, R. *Mitologia dos Orixás*. 2009, p. 32).

⁶ CHALHOUB, S. *Visões da Liberdade*. 1990, p. 18.

⁷ GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. 1989, p. 144.

⁸ “Cada odu é um conjunto de mitos, cabendo ao babalaô descobrir qual deles conta a história que está acontecendo ou que vai acontecer na vida presente do consulente que o procura em busca de solução para suas aflições. [...] A fórmula receitada é a mesma aplicada no passado, quando foi usada com sucesso, conforme narra o mito. Nada é novo, tudo se refaz” (PRANDI, R. *Segredos Guardados*. 2005, p. 40-1).

são apenas dezesseis. Nossa pesquisa ganhava mais informações para suprir os questionamentos que também aumentavam.

Por fim, decidimos juntar a esse material as receitas coletadas por Pierre Verger, quando esteve nessa parte da África para investigar a sociedade da qual se originou o culto aos orixás. Essas receitas versam sobre variada gama de sortilégios e encantamentos que pretendem servir de socorro para as dores, aflições e conflitos humanos.

Nosso recorte temporal procura se manter no século XIX, uma vez que os relatos do viajante principal, John Duncan⁹, é dessa época, mas também vai mais além e aquém quando necessário. Quanto aos mitos, seria impossível datá-los, uma vez que são obra de construção coletiva e atemporal, bem como as receitas e os *Odus*.

Para desvendar as nuances e possíveis armadilhas que nos reservariam os mitos, valemo-nos de autores como Carlos Ginzburg, Joseph Campbell, Robert Darnton e Mircea Eliade, autoridades no assunto. Por outro lado, para que nossa pesquisa não ficasse apenas no nível bibliográfico, fizemos frequentes visitas a um terreiro de candomblé de nossa cidade, onde observamos os ritos abertos ao público, além de mantermos constante conversa com o dirigente e os seguidores há mais de cinco anos.

Desejamos, com esse trabalho, por um lado despertar a curiosidade de acadêmicos e não-acadêmicos para o uso da mitologia como forma de explorar a cultura africana persistente nelas, e por outro contribuir para uma História da África que possa ser utilizada em sala de aula (na educação básica e superior) para aproximar-nos dessa rica cultura, como postula a lei nº 10.639/03.

Procuramos também utilizar outras mitologias como caminho para discutir nossas questões. A grega, por exemplo, mais conhecida que a africana, nos serve, em diversos momentos, como fio condutor, mostrando as riquezas que permeiam as duas mitologias, além de semelhanças e divergências.

No intuito de aproximar o leitor do tema, procuramos iniciar a dissertação com um capítulo didático, para que a linguagem ou a especificidade cultural não seja um impeditivo para a leitura dos capítulos seguintes. Nele procuramos explicar quem são os orixás e qual é o

⁹ DUNCAN, J. **Travels in Western Africa**. 1845-1846. 2 v. Duncan era um vice-consul britânico da África Ocidental, com sede na ilha de Fernando Pó. Ele esteve na África entre os anos de 1844 e 1847 a serviço da Sociedade Geográfica Real. Durante esse tempo, ele visitou a costa ocidental africana duas vezes. A segunda visita, no início de março de 1845, quando explorou as lagoas de Ouidah a Porto Seguro e de lá cruzou o Lago Togo, é a que mais nos interessa. Seus dois livros em forma de relato de viagem contêm relevantes informações sobre as mulheres africanas, embora esse não fosse o seu foco. Realizou, em 1849, nova viagem em companhia do oficial naval Frederick Forbes e do cônsul John Beecroft, missão em que faleceu no dia 29 de outubro de 1849.

seu papel na mitologia, além do modo como eles são encarados e adorados no candomblé. Explicamos também como é o templo e algumas práticas para que o devoto possa se conectar com o mundo dos orixás.

No segundo capítulo procuramos apresentar o universo africano privilegiando a visão religiosa e cosmológica de mundo, uma vez que estas determinavam as outras para eles. Discutimos uma bibliografia voltada a pensar o mito e as mitologias para que possamos retirar delas o que for possível para realizar o capítulo seguinte.

O terceiro e último capítulo trata da vida das mulheres africanas da África Ocidental a partir da mitologia dos orixás, seus *odus*, receitas e relatos dos viajantes. Procuramos subdividir esse capítulo em dois para facilitar a análise de uma mulher que era mãe e esposa.

Enquanto alguns pesquisadores decidem por apresentar uma seção, onde discutem e apresentam a metodologia da pesquisa, decidimos por trazê-la diluída no trabalho. Outra decisão nossa foi uniformizar os nomes de cidades e grupos, que aparecem de formas diferentes em livros e mapas.

Finalizamos com a mesma sensação e desejo de Marc Bloch: “Muchas veces tuve la sensación de estar rodeado de un gran número de cofres cerrados, algunos de los cuales encerrarían oro y otras piedras sin valor, sin que ninguna inscripción me ayudara a diferenciar los tesoros de la ganga. O sea que estoy muy lejos de pretender haber sido completo. Ojalá este libro incitara a los investigadores a lanzarse en pos de nuevos descubrimientos!”¹⁰

¹⁰ BLOCH, M. **Los reyes taumaturgos**. 2006, p. 88. [Muitas vezes eu tinha a sensação de estar rodeado por um grande número de caixas fechadas, algumas das quais aprisionavam ouro e outras pedras sem valor, sem qualquer registro para me ajudar a diferenciar os tesouros que continham. Então, eu estou muito longe de ter sido completo. Oxalá este livro incite outros pesquisadores a lançar novos descobrimentos!] [tradução nossa].

Considerações Finais

Procuramos inicialmente apresentar o universo dos orixás e do candomblé através de uma descrição pessoal. Depois trouxemos cada um dos orixás mais cultuados no Brasil com uma sintética lista de características. Apresentamos também o terreiro de candomblé, procuramos explicar a importância do jogo de búzios para os praticantes, além da música e da dança sempre presentes nas festas e dia-a-dia do candomblé.

Mostramos que a mitologia é fundamental na vida dos fiéis e como ela possui diversas nuances (sociológica, pedagógica, cosmológica e mítica). Os filhos-de-santo se sentem pertencentes a um mundo de significado maior que é o candomblé e a um mundo específico que são as particularidades da prática individual com o seu orixá pessoal.

No segundo capítulo apresentamos os iorubás, a sociedade na qual habitavam na África Ocidental, isto através da ótica dos viajantes do século XVII ao XIX. Discorremos sobre os importantes reinos de Benim, Daomé e Oió, no intuito de compreender as particularidades do tema abordado por nós.

Para isso recuamos no tempo em busca da “Vênus paleolítica” para explicar como a atual configuração mitológica, que chega a nós no nosso tempo passou por processos diversos

cavalo [...]”. **Ayabás**. CAETANO VELOSO; GILBERTO GIL. [compositores]. In: Pássaro Proibido. [S.I.]: CBD/Phonogram/Philips, p. 1976. 1 LP. Faixa 1.

⁶¹¹ Pantoja, 2000.

⁶¹² Idem.

⁶¹³ Idem, p. 100.

de alteração para transformar a poderosa figura da deusa (doadora de vida e princípio de tudo) em uma divindade doméstica e materna, na chamada “queda da deusa”.

Utilizamos para isso não apenas a mitologia africana dos orixás, mas também nos valem da grega, babilônica e japonesa com a intenção de mostrar que a metamorfose sofrida pela figura da deusa não é restrita e local, mas pertencente a todas as mitologias conhecidas, para isso lançamos mão de uma “mitologia comparada”.

No caso específico africano, demonstramos como o “orientalismo” marcou a forma de decodificação dos símbolos dos deuses africanos e de sua cultura, destinando-lhes lugares já existentes (através do sincretismo) ou distorcendo-lhe o sentido, ao interpretar questões isoladas fora do contexto de surgimento.

Apresentamos ainda, no capítulo dois, os primeiros registros do candomblé brasileiro e o modo como em sua gênese esteve exposta às perseguições religiosas, espaciais e culturais, se encontrando hoje relegado à periferia não apenas espacial, mas também cultural.

Procuramos pensar a mitologia como categoria de análise histórica. Relegada no passado à mera invenção e “história falsa”, vimos que diversos acontecimentos sociais tiveram suas marcas impressas nas mitologias como é o caso que esse estudo apresenta. Essas marcas foram preservadas através do complexo processo de construção de uma memória coletiva que seleciona o que será lembrado e o que será esquecido, a partir de critérios subjetivos de valoração.

Utilizamos-nos do princípio de “gramática cultural” e quando nossas informações não eram suficientes para cobrir algumas lacunas procuramos inserir exemplos de culturas análogas dentro da própria África.

No fim do capítulo dois e início do capítulo três procuramos apresentar as duas figuras antagonistas que parecem ter relação direta com a “queda da figura da deusa africana”: os ferreiros, sintetizados na figura de Ogum e os sacerdotes de Ifá, sintetizados na figura de Orunmilá.

O capítulo três apresenta as orixás como especulares das figuras femininas africanas do século XIX, caracterizadas por suas funções sociais de esposa e mãe. Apresentamos o processo de casamento e a vida familiar no ambiente poligínico. Mostramos também as mães e sua difícil concepção e gestação diante de uma dura realidade de mortalidade infantil elevada.

Apresentamos ao fim do trabalho quadros anexos que foram de grande importância para a execução do mesmo. O primeiro trata da catalogação dos mitos dos orixás por ano de

publicação a partir do livro de Prandi⁶¹⁴. Essa tabela foi muito relevante para enxergar os mitos sobre as orixás que foram apresentados e se repetiram ao longo das publicações. O segundo anexo também foi de cabal importância já que era necessário observar os *Odus*⁶¹⁵ com algum critério, pois eles contêm diversas informações. Optamos por utilizar as referências às mulheres como análise. O terceiro anexo traz as receitas recolhidas por Verger⁶¹⁶, com as quais utilizamos o mesmo critério: referências às mulheres e o universo feminino. E, por fim, no último anexo, procura trazer, de forma sintética um resumo selecionado dos 301 mitos apresentados por Prandi⁶¹⁷, onde apareciam referências femininas. Criamos com estes anexos duas categorias que se destacam nessa mitologia: “esposa” e “mãe”, e outras menores, como o da mulher guerreira.

Foi possível concluir com esse trabalho que a mulher africana gozava de maior liberdade antes de ter sua existência restrita às funções sociais de esposa e mãe. Se, por um lado, pode-se pensar que essa é uma construção apenas mitológica, podemos observar nas palavras de Engels⁶¹⁸, Beauvoir⁶¹⁹ e Perrot⁶²⁰ que o lugar da mulher não foi sempre igual na sociedade. Passando por diversas transformações ao longo dos séculos, o modo de ver a mulher e a figura feminina foi pouco a pouco tornando-a restrita à vida doméstica, confinada no lar.

Na África, como um todo, e na África Ocidental especificamente, o processo não parece ter sido diferente. É flagrante nos *Odus* que analisamos que as mulheres são lembradas como relapsas quando não fazem os sacrifícios necessários pedidos pelo sacerdote⁶²¹ e perigosas, quando colocam em risco a vida dos homens e a rotina do lar⁶²². Já nas receitas de Verger, há o desejo de controlá-las⁶²³, fazer com que se restrinjam à casa⁶²⁴, submeter suas vontades⁶²⁵ e puni-las diante do adultério⁶²⁶.

⁶¹⁴ PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. 2009.

⁶¹⁵ EPEGA, A. A.; NEIMARK, P. J. **The sacred Ifa Oracle**. 1995.

⁶¹⁶ VERGER, P. **Ewé**. 1995.

⁶¹⁷ PRANDI, idem.

⁶¹⁸ ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado**. [s. d.]

⁶¹⁹ BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 1970.

⁶²⁰ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2007.; _____. **As mulheres ou os silêncios da história**. 2005.; _____. **Os excluídos da história**. 1988.

⁶²¹ São exemplos os *Odus*: Òtúrúpòn'wòrì (nº 92), Òtúrúpòn Kòràn (nº 192), Ófún-Egúntán (nº 214), Osá-Òtúrúpòn (nº 217) e Ótúrúpòn-Òsá (nº 218).

⁶²² Como exemplos: Ófún-Egúntán (nº 214) e Òfún'Bàrà (nº 184).

⁶²³ Trabalho para conquistar de imediato uma mulher (nº 308) e trabalho para ter relações sexuais com uma mulher (nº 334).

⁶²⁴ Trabalho para fazer a mulher ficar em casa (nº 335) e trabalho para acabar com a ganância de uma mulher (nº 373).

⁶²⁵ Trabalho para a mulher obedecer ao marido (nº 368).

⁶²⁶ Trabalho para fazer a vagina inchar (nº 394) e trabalho para matar o amante da esposa (nº 404).

As orixás são também representantes dessas mulheres: sofrem traições⁶²⁷, lutam pela vida dos filhos⁶²⁸ e personificam a devotada mãe africana que não apenas deseja a maternidade⁶²⁹, como meio de cumprir sua função imposta pelo grupo social, mas procura aceitar sua vida de esposa⁶³⁰, não sem protestar e encontrar caminhos de fuga diante da violência doméstica⁶³¹ e casamentos forçados.

As fontes, porém, apresentam uma grande polifonia. Os *odus*, poemas recitados a cada consulta oracular pelos sacerdotes de Ifá, apresentam uma homogeneidade maior quanto às mulheres. Não é difícil imaginar o porquê: são controlados por uma memória masculina, já que apenas homens podem ser sacerdotes de Ifá. A mulher é então retratada como perigosa, perturbadora da ordem pública e doméstica e enganadora dos homens, tendo, por isso que ser controladas constantemente. Nos *odus* a voz feminina é eficientemente silenciada.

Porém, os mitos dos orixás, resultado de diversas memórias (inclusive femininas) que os puderam contar e recontar através dos tempos e por isso, apresentam maior heterogeneidade. É neles que podemos ver Nanã ser submetida por Oxalá que a “acalma com o amor”⁶³²; vemos Ogum, temeroso de perder uma luta para Obá, recorrer aos babalaôs para que pudesse trapacear, com o consentimento deles (a personificação da ordem)⁶³³; vemos os maridos com medo das mulheres e tendo que retomar o poder que elas não “sabiam controlar”⁶³⁴; acompanhamos esposos temerosos com uma Nanã justiceira que os castiga quando são violentos com suas mulheres⁶³⁵.

E, de forma complementar, as receitas recolhidas por Verger explicitam uma sociedade onde a virilidade masculina e a concepção feminina era tidas na mais elevada estima. Essas receitas procuravam por um lado controlar as esposas, mantê-las em casa, puni-las em caso de traição e, por outro, garantir que fossem capazes de sustentar a gravidez, mesmo com todos os seus percalços.

⁶²⁷ Mito: Xangô deixa a velha Obá e encontra Oxum, Prandi, 2009, p. 287.

⁶²⁸ Mitos: Euá transforma-se na névoa, idem, p. 233; Euá transforma-se numa fonte e sacia a sede dos filhos, idem, p. 232; Oxum leva ebó ao Orum e salva a Terra da seca, idem, p. 339.

⁶²⁹ Mitos: Nanã tem um filho com Oxalufã, idem, p. 198; Oiá recebe o nome de Iansã, mãe dos nove filhos, idem, p. 294.

⁶³⁰ Mitos – Obá corta a orelha induzida por Oxum, idem, p. 316; Xangô seduz a mãe adotiva, idem, p. 258.

⁶³¹ Mitos – Oiá transforma-se em coral, idem, p. 304; Oiá é dividida em nove partes, idem, p. 305; Iemanjá trai seu marido Ogum com Aiê, idem, p. 388.

⁶³² Mito – Nanã tem um filho com Oxalufã, Prandi, 2009, p. 198-0. Também no mito similar, onde Obatalá (Oxalá) oferece suco de caracol e acalma as feiticeiras, fazendo-as reconhecer o “poder masculino”, Cf. idem, p. 357.

⁶³³ Mito – Obá é possuída por Ogum, idem, p. 314.

⁶³⁴ Mito – Ogum conquista para os homens o poder das mulheres, idem, p. 106-7.

⁶³⁵ Mito – Nanã tem um filho com Oxalufã, idem, p. 198-0.

No conjunto de costumes matrimoniais e mitologia dos orixás, assistimos uma mulher que lamenta sua entrada numa nova família, temerosa do tratamento que receberia dela, e o faz cantando sua aflição para toda a sociedade, talvez a única oportunidade que teria de fazê-lo. Mulheres que recorrem a todas as alternativas disponíveis para engravidarem, vendo nisso, a única alternativa de serem respeitadas e fugirem do peso de serem tratadas como inférteis ou mães de “apenas mulheres”.

Mas vemos, sobretudo, a vilanização da figura feminina quando não é mais útil ou depois de “cumprida a sua função social”, nas Iá Mi Oxorongá. Elas são retratadas como velhas feiticeiras, que se satisfazem comendo criancinhas e destruindo a felicidade alheia. São o oposto do que uma boa mãe e esposa deve ser: por isso convêm difamá-las e mantê-las marginalizadas da sociedade.

Por fim é relevante ressaltar que utilizamos nesse trabalho a mitologia dos orixás com um propósito, mas que ela apresenta diversas outras possibilidades de análise. Nossa proposta original (investigar o desaparecimento das orixás nos candomblés brasileiros), que pretendemos retomar em nossa tese de doutorado no futuro, não se tornaria uma possibilidade sem antes ter analisado a figura feminina na sociedade da qual se originou o culto aos orixás. Temos, com isso, justificada a mudança do nosso projeto inicial.

Bibliografia

ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. (orgs.) **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

AJAYI, J. F. A. África no início do século XIX: problemas e perspectivas. In: **História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Editado por J F. Ade Ajayi. Brasília; UNESCO, 2010. p. 1-26.

ADAMU, Mahdi. Os Haussa e seus vizinhos do Sudão central. In: **História Geral da África, IV. A África do Século XII ao XVI**. Editado por Djibril Tamsir Niane. 2ª ed. ver. Brasília: UNESCO, 2010. p. 269-336.

ALAGOA, E. J. Do delta do Níger aos Camarões: os fons e os ioruba. In: **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Editado por Bethwell Allan Ogot. Brasília; UNESCO, 2010. p. 519-539.

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de.; FILHO, Walter Fraga. Uma história do negro no Brasil. Salvador: **Centro de Estudos Afro-Orientais**; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALPERN, Stanley B. **Amazons of Black Sparta: The Women Warriors of Dahomey**. London: C. Hurst & Co. 1998.

ANDAH, Bassey W. A África ocidental antes do século VII. In: **História Geral da África, II. África Antiga**. Brasília: UNESCO, 2010a. p. 657-690.

_____. A zona guineana: os povos entre o Monte Camarões e a Costa do Marfim. In: **História Geral da África, III. A África do Século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010b. p. 569-617.

AUGRAS, Monique. De Iyá mi a pomba-gira: transformações e símbolos da libido. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.) **Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 17-44.

_____. **O duplo e a metamorfose: a identidade mítica em comunidades nagô**. Petrópolis, Vozes, 1983.

ASIWAJU, A. I. Daomé, país iorubá, Borgu (Bougou) e Benim no século XIX. In: **História Geral da África, VI. A África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 813-841.

AZORLI, Diego F. R. Terreiros de Candomblé: a microterritorialidade afro-religiosa em Ourinhos-SP. In: **II Seminário Internacional sobre Microterritorialidades nas Cidades**. Presidente Prudente: Unesp, 2012. Pp. 605-617. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/126601712/Anais-Do-II-SIMTC-Final>>

BARBOSA, Muryatan Santana. A África por ela mesma: a perspectiva africana na História Geral da África (UNESCO). **Tese de doutorado**. Área de História Social. USP: São Paulo, 2012.

BARROS, José Flávio Pessoa; TEIXEIRA, Maria Lina Leão. O código do corpo: inscrições e marcas dos orixás. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes (org.) **Candomblé: religião do corpo e da alma: tipos psicológicos nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2000. p. 103-38.

BAUDIN, Padre Noel. **Fetichism and Fetich Worshipers**. New York, Cincinnati, and St. Louis: Benziger Brothers, printers to the holy apostolic see. 1885.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo - fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão européia do livro, 1970.

BENISTE, José. **As águas de Oxalá: àwon omi Ósàlá**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **Dicionário yorubá-português**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. **Mitos Yorubás: O outro lado do conhecimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **Òrun Àiyé: o encontro de dois mundos: o sistema de relacionamento nagô-yorubá entre o céu e a Terra**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu**. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BLOCH, Marc. **Los reyes taumaturgos**: estudio sobre el carácter sobrenatural atribuído al poder real, particularmente em Francia e Inglaterra. Tradução de Marco Lara; Juan Carlos Rodríguez Aguilar. 2ª ed. México: FCE, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, vol. I. Petrópolis (Rio de Janeiro): Editora Vozes Limitada, 1986.

_____. **Mitologia Grega**, vol. III. Petrópolis (Rio de Janeiro): Editora Vozes Limitada, 1987.

CAMPBELL, Joseph. **As máscaras de Deus: mitologia criativa**. Tradução de Carmen Fisher. São Paulo: Palas Athena, 2010a.

_____. **As máscaras de Deus: mitologia ocidental**. 2ª ed. Tradução de Carmen Fisher. São Paulo: Palas Athena, 2004.

_____. **As máscaras de Deus: mitologia oriental**. 6ª ed. Tradução de Carmen Fisher. São Paulo: Palas Athena, 2008.

_____. **As máscaras de Deus: mitologia primitiva**. 8ª ed. Tradução de Carmen Fisher. São Paulo: Palas Athena, 2010b.

_____. **O herói de mil faces**. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento LDTA, 1949.

CAMPOS, Andreilino. **Do quilombo à favela: a produção do ‘espaço criminalizado’ no Rio de Janeiro**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no Candomblé**: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Pallas, 2004.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte imperial**. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Visões da Liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na corte. 5ª reim. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

COULANGES, D. Fustel de. **A Cidade Antiga**. Tradução: Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas S. A. – EDAMERIS, 1961.

CUNHA, Fabiana Lopes da. **Caricaturas carnavalescas**: carnaval e humor no Rio de Janeiro através da ótica das revistas ilustradas Fon-Fon! e Careta (1908-1921). Tese de doutorado. São Paulo, 2008. 2 v.

_____. **Da marginalidade ao estrelato**: o samba na construção da nacionalidade (1917-1945). São Paulo: Annablume, 2004.

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa.** Tradução de Sonia Coutinhos. São Paulo: Graal, 2011.

DIAGNE, P. As estruturas políticas, econômicas e sociais africanas durante o período considerado. In: **História Geral da África, V. África do século XVI ao XVIII.** Brasília: UNESCO, 2010. p. 27-53.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu.** Tradução de Sônia Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Edições 70, 1966.

DOORTMONT, Michel. Samuel Johnson (1846-1901): Missionary, Diplomat, and Historian. In: FALOLA, Toyin. **Yoruba Historiography.** Madison-Wisconsin: University of Wisconsin African Studies Program, 1991. p. 167-178.

DUNCAN, John. **Travels in Western Africa, in 1845 & 1846, comprising a journey from whydah, through the Kingdom of Dahomey, to Adofoodia, in the interior.** 2 v. London: Richard Bentley, New Burlington Street, 1847.

EISLER, Riane. A Deusa da Natureza e da Espiritualidade – Um Manifesto Ecológico. In: CAMPBELL, Joseph [et. al.]. **Todos os nomes da Deusa.** Tradução de Beatriz Pena. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. P. 11-34.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno.** Tradução de José A. Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **Mito e Realidade.** Tradução Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

ELLIS, A. B. **The Ewe-Speaking Peoples of the Slave Coast of West Africa.** London: Chapman and Hall, 1890.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família da Propriedade Privada e do Estado.** Tradução de Ciro Mioranza. 2ª ed. São Paulo: Escala, [s.d.].

EPEGA, Afolabi A.; NEIMARK, Philip John. **The Sacred Ifa Oracle.** Tradução Òsunlékè. Harper: San Francisco, 1995.

FAGE, J. D. A evolução da historiografia da África. In: **História Geral da África, I. Metodologia e pré-história da África.** Brasília: UNESCO, 2010.

FRAZER, James George. **O ramo de ouro versão ilustrada.** Tradução de Waltensir Dutra. Zahar Editores, 1982.

FORBES, Frederick E. **Dahomey and the dahomans: being the journals of two missions to the king of dahomey, and residence at his capital, in the years 1849 and 1850.** London: Longman, Brown, Green, and Longmans. 1851.

GUEDES, Peônias Viana. “Can the subaltern speak?”: vozes femininas contemporâneas da África Ocidental. In: GAZZOLA, Ana Lúcia.; DUARTE, Constância Lima.; ALMEIDA, Sandra Goulart. (org.). Gênero e representação em literaturas de língua inglesa: ensaios. **Col. Mulher & Literatura, v. 4.** Belo Horizonte: Departamento de Letras Anglo-Germânicas / UFMG, 2002. p 71-81.

GIMBUTAS, Marija. A “Vênus Monstruosa” da Pré-História – Criadora Divina. In: CAMPBELL, Joseph [et. al.]. **Todos os nomes da Deusa**. Tradução de Beatriz Pena. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. p. 35-68.

GINZBURG, Carlos. **História noturna**. Tradução de Nilson Moulin Louzada. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. Tradução de Frederico Carotti. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Os andarilhos do bem**: Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GLEASON, Judith. **Oya**: um louvor a deusa africana. 2ª. ed. Tradução de Ângela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPATÉ BÂ, A. A tradição viva. In: **História Geral da África, I**. Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HERSKOVITS, Melville, J. **Antropologia Cultural**: Man and his works. Tom. 1. Tradução de Maria José de Carvalho e Hélio Bichels. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1963.

_____. **The Myth of the Negro Past**. New York (London): Haper & Brothers Publishers, 1941.

IYAKEMI, Ronilda Ribeiro. **Alma Africana no Brasil. Os iorubas**. São Paulo: Editora Oduduwa, 1996.

JAGUN, Márcio de. **Ori**: a cabeça como divindade. Rio de Janeiro: Litteris, 2015.

JOHNSON, Samuel. **The History of the Yorubas**: From the Earliest Times to the Beginning of the British Protectorate. Lagos, C. M. S. [Nigéria]: Bookshops, 1921.

KI-ZERBO, J.; HAMA, Boubou. Lugar da história na sociedade africana. In: **História Geral da África, I**. Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. p. 23-35.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5ª ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

LÉPINE, Claude. Nossos antepassados eram deuses. Belo Horizonte. 2001. Disponível em: <<http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a6-clepine.pdf>>. Acesso em: 14 de abr. 2016.

_____. **Os dois reis do Danxome**: varíola e monarquia na África Ocidental, 1650 – 1800. Tese de livre-docência. Marília, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro. 5ª Edição. Editora Tempo Brasileiro. 1996.

_____. **Antropologia Estrutural Dois**. Tradução de Maria do Carmo Pandolfo. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LODY, Raul. **Tem dendê, tem axé: etnografia do dendezeiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LOPES, Nei. **Novo dicionário Banto do Brasil**: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África**: uma história de suas transformações. Tradução de Regina A. R. Bhering e Luiz Guilherme B. Chaves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LÜHNING, Angela. “Acabe com esse santo, Pedrito vem aí.: Mito e realidade da perseguição policial ao candomblé baiano entre 1920 e 1942. **Revista USP**, São Paulo: nº 28, Dezembro/Fevereiro 1995/1996, p. 194-220.

MARTINS, Cléo. **Nanã**: a senhora dos primórdios. Rio de Janeiro: Pallas, 2011a.

_____. **Obá**: a amazona belicosa. Rio de Janeiro: Pallas, 2011b.

M'BOW, M. Amandou Mahtar. Prefácio. In: **História Geral da África, I**. Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.

MINTZ, S. W.; PRICE, R. **O nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

MURARO, Rose Marie. Introdução. In: KRAMER, Heinrich.; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Tradução de Paulo Fróes. 2ª ed. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2015.

OCHIENG, W. R. O interior da África do Leste: os povos do Quênia e da Tanzânia (1500-1800). In: **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Editado por Bethwell Allan Ogot. Brasília; UNESCO, 2010. p. 974-1001.

OGBEBARA, Awofa. **Igbadu, a cabaça da existência**: mitos nagôs revelados. 2ª. ed. 3ª. rei. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A invenção dos iorubás na África Ocidental: Reflexões e apontamentos acerca do papel da história e da tradição oral na construção da identidade étnica. **Estudos Afro-Asiáticos**, v. 27, p. 141-180, 2005.

OLIVEIRA, Altair B. **Cantando para os orixás**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

PANTOJA, Selma. A diáspora feminina: degregadas para Angola no século XIX (1865-1898). **Análise Social**, vol. XXXIV (151-152), 1999 (2.º-3.º), p. 555-572.

_____. Donas do “arimos”: um negócio feminino no abastecimento de gêneros alimentícios em Luanda (séculos XVIII e XIX). In: PANTOJA, Selma (org). **Entre Áfricas e Brasil**. Brasília: Paralelo 15 – São Paulo, Marco Zero, 2001.

- _____. **Nzinga Mbandi: mulher, guerra e escravidão.** Brasília: Thesaurus, 2000.
- PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- _____. **Minha história das mulheres.** Tradução: Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. P. 3-15.
- PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás.** 11ª. reim. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova.** Hucitec: São Paulo, 1991.
- _____. **Segredos Guardados: Orixás de alma brasileira.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PRIORE, Mary Del. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- RECCEUR, PAUL. **A Memória, a história, o esquecimento.** Tradução: Alain François [et. al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RÊGO, Jussara. Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região metropolitana de Salvador, **Bahia. GeoTextos:** Vol. 2, nº 2, 2006, p. 31-85.
- ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. In: SANTOS, Renato Emerson dos. (org.). **Diversidade, espaço e relações étnico-raciais: o Negro na Geografia do Brasil.** 2ª ed. Belo Horizonte: Editora Gutenberg, 2009, p. 75-90.
- RYDER, Allan Frederick Charles. Do rio Volta ao Camarões. IN: **UNESCO, História Geral da África, IV. A África do Século XII ao Século XVI.** 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 379-413.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SANTOS, Jocélio Teles dos.; SANTOS, Luiz Chateaubriand C. dos. “Pai de santo doutor”: escolaridade, gênero e cor nos terreiros baianos. In: **Afro-Ásia**, 48 (2013), 213-236.
- SHAW Thurstan. A zona guineana: situação geral. In: **História Geral da África, III: África do século VII ao XI.** Editado por Mohammed El Fasi. Brasília: UNESCO, 2010. p. 537-568.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Sociedade e cultura nos frementes anos 20. 1ª reim. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança: a África antes dos portugueses**. 3ª. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.

_____. **A manilha e o libambo: a África e a escravidão de 1500 a 1700**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011.

SILVA, Juliana Ribeiro da. **Homens de ferro**. Os ferreiros na África central no século XIX. Dissertação de mestrado em História Social. Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Angela Fileno da. **Que eu vou na terra dos negros: circularidades atlânticas e a comunidade brasileira na África**. Dissertação de Mestrado em História Social. São Paulo, 2010.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda: caminhos de devoção brasileira**. São Paulo, Editora Ática S. A., 1994.

_____. **Orixás da metrópole**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei do Congo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Laura de Mello. Revisitando o calundu. **Ensaio sobre Intolerância: Inquisição, marranismo e anti-semitismo**. 1ª ed. São Paulo: Humanitas, 2002, v.1, p. 293-317.

THORNTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico (1400-1800)**. Tradução: Maria Rocha Motta. Rio de Janeiro: Editora Campus/Elsivier, 2004.

T'ÒSÚN, Babalòrisá Mauro. **Irín Tité: ferramentas sagradas dos orixás**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

VASINA, J. Os movimentos populacionais e a emergência de novas formas sociopolíticas na África. In: **História Geral da África, V: África do século XVI ao XVIII**. Editado por Bethwell Allan Ogot. Brasília; UNESCO, 2010. p. 54-90.

VERGER, Pierre. A contribuição especial das mulheres ao candomblé do Brasil. In: **Documentos da Reunião de Peritos sobre “As sobrevivências das tradições religiosas africanas nas Caraíbas e na América Latina”**. Culturas africanas. São Luís do Maranhão, Unesco, 1985.

_____. **Artigos**. São Paulo: Corrupio, 1992.

_____. A sociedade Egbé òrun dos Abikú, as crianças nascem para morrer várias vezes. **Afro-Ásia, nº 14**: 1983. 138-161.

_____. **Ewé: o uso das plantas na sociedade iorubá**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Notas sobre o culto aos Orixás e Voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África.** Tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

_____. **Orixás:** Deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. São Paulo: Corrupio, 1981.

WACHTEL, Nathan. **Los vencidos:** los indios del Perú frente a la conquista española (1530-1570). Versión española de Antonio Escohotado. Madrid: Alianza Editorial, 1976.

YALOM, Marilyn. **A história da esposa:** da Virgem Maria a Madonna: o papel da mulher casada dos tempos bíblicos até hoje. Tradução: Priscilla Coutinho. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.